

EUA: clima é de apreensão no mercado financeiro

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

SSR

WASHINGTON — Uma semana antes do início das negociações formais entre o Governo brasileiro e seus credores, marcado para o próximo dia 25, o clima é de apreensão nos meios financeiros americanos. Os banqueiros, agora, é que começam a demonstrar preocupação.

Aos poucos vem desaparecendo no ar a sua aparente tranquilidade. Depois de dar a impressão — em seus contatos com a imprensa — de estarem em posição de fazer exigências à equipe negociadora do Brasil, eles vêm mudando de comportamento nos últimos dias. Já não falam, sequer, num pagamento simbólico dos juros como condição essencial para o início da conversa:

— Esse assunto não está mais em discussão, pelo menos por enquanto. — disse ao GLOBO, ontem, um porta-voz do Comitê Assessor dos Bancos Credores. “Temos conversado com todos os interessados e tudo indica que a questão do pagamento simbólico já não é fundamental”, afirmou ele.

O fato de o Brasil ter de pagar, até o próximo dia 26 de outubro, pelo

menos uma pequena parte dos juros que deve aos bancos privados, parece estar preocupando mais aos banqueiros do que ao Governo brasileiro. Pelas leis americanas, quando um devedor deixa de cumprir seus compromissos durante seis meses consecutivos, e sequer procura um acerto, ele é declarado mau pagador. O Brasil declarou uma moratória há oito meses e, por isso, corre o risco de entrar nessa classificação quando se reunir — dia 26 de outubro — o órgão do governo dos EUA encarregado de fiscalizar o cumprimento dos prazos das dívidas.

O não pagamento significará, automaticamente, o rebaixamento do País como devedor, tornando mais difícil a obtenção de novos créditos. Mas, ao mesmo tempo, isso representaria uma perda de quase US\$ 7 bilhões para os bancos: os credores, afinal, seriam obrigados a declarar como perdas 10 por cento da dívida (US\$ 67 bilhões).

— É bem possível que se faça um arranjo provisório para evitar que se chegue à esta situação. — comentou um assessor do Departamento do Tesouro. “Os bancos, no fundo, vivem de juros e é preferível fazer um acer-

to temporário com o Brasil do que ser obrigado a registrar uma perda tão grande nos livros. Isso influiria demais no valor de suas ações na Bolsa de Valores”, explicou ele.

Em sua opinião, a saída poderia ser um acordo específico sobre o que o Brasil deveria pagar de juros este ano. E, depois disso, numa etapa posterior, uma discussão sobre o reescalonamento da dívida externa como um todo.

— O Secretário James Baker III apóia qualquer decisão que seja tomada na mesa de negociações. O que ele não quer é um impasse, que seria economicamente desastroso para ambas as partes, e colocaria em risco as boas relações políticas entre nossos países. — disse o funcionário do Tesouro.

O encontro dos Ministros de Economia da Argentina, Brasil e México, programado para o próximo dia 24 em Nova York — ou seja, coincidentemente na véspera da negociação brasileira — é outro dado que vem preocupando os banqueiros privados. Eles temem que o resultado dessa reunião seja a ameaça da ampliação da moratória brasileira, e sua adoção pelos outros dois países.